

**EXPRESSANDO ARTE E AFETO:
A POTÊNCIA DA AFETIVIDADE
NA APRENDIZAGEM ESCOLAR**

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS

LILIANE TEIXEIRA

**EXPRESSANDO ARTE E AFETO:
A POTÊNCIA DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM ESCOLAR**

CRICIÚMA
2020

LILIANE TEIXEIRA

**EXPRESSANDO ARTE E AFETO:
A POTÊNCIA DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciatura no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^a. Ma. Katiuscia Angélica Micaela de Oliveira

CRICIÚMA

2020

LILIANE TEIXEIRA

**EXPRESSANDO ARTE E AFETO:
A POTÊNCIA DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciatura, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Arte Educação.

Criciúma, 3 de dezembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Katiuscia Angélica Micaela de Oliveira – Mestra em Ciências da Linguagem -
(UNISUL) - Orientadora

Prof^a. Édina Regina Baumer – Mestra em Educação - (UNESC)

Prof^a. Odete Angelina Calderan – Mestra em Artes Visuais - (UFSM)

Dedico este trabalho a mim mesma, pois nesse processo fui e sou artista/pesquisadora/professora/empreendedora. Apesar de todos os afetos, segui firme e concluí esse ciclo. Que venham os próximos!

Gratidão a todos envolvidos nesse processo!

Gratidão ao Universo!

Gratidão à Natureza!

“Sem amor eu nada seria”
Legião Urbana

RESUMO

As raízes desta pesquisa partiram de um desejo pessoal em dialogar sobre a potência da afetividade no desenvolvimento de aprendizagem, a partir dos meus afetos pessoais positivos e negativos evidenciando a importância do ensino da arte nesse processo. A presença da afetividade na relação professor/aluno é fundamental para uma aprendizagem significativa, desta forma refletir sobre as práticas pedagógicas torna-se um elemento indispensável. Tecendo conexões com a arte, percebe-se a importância das linguagens artísticas ao contribuir para um olhar sensível e crítico dentro e fora do ambiente escolar. Com isso, trago a problemática da pesquisa: “De que maneira a afetividade contribui para o desenvolvimento de aprendizagem do aluno nas aulas de arte?” Tendo como principal objetivo, reconhecer e enfatizar a potência da afetividade para o desenvolvimento de aprendizagem do aluno durante as aulas de arte. A metodologia possui uma abordagem qualitativa e cartográfica de revisão bibliográfica. Portanto foi possível compreender a potência da afetividade na relação professor/aluno para uma aprendizagem significativa. Desta forma os afetos positivos e negativos dos alunos não devem ser negligenciados no ambiente escolar, pois eles se fazem presentes durante todo o processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Afetividade. Relação professor/aluno. Desenvolvimento de aprendizagem. Ensino da arte.

LISTA DE AFETOS

Imagem 1 – Sem título.....	14
Imagem 2 – Sem título.....	15
Imagem 3 - Sem título	16
Imagem 4 - Sem título	17
Imagem 5 – Sem título.....	18
Imagem 6 – Sem título.....	20
Imagem 7 – Sem título.....	21
Imagem 8 – Sem título.....	22
Imagem 9 - Pollock utilizando a técnica <i>dripping</i>	36
Imagem 10 – One: Number 31, 1950	37
Imagem 11 – Processo artístico	38
Imagem 12 – Processo artístico	39
Imagem 13 – Processo artístico	40
Imagem 14 - Processo artístico	41
Imagem 15 - Processo artístico	42
Imagem 16 - Produção artística finalizada.....	43

SUMÁRIO DOS AFETOS

1 AS RAÍZES	9
2 O QUE ME AFETA?	12
2.1 RIZOMAS AFETIVOS – DE ONDE SURGIRAM OS MEUS AFETOS?	23
3 RELAÇÕES ENTRE AFETIVIDADE E ESCOLA	24
3.1 A POTÊNCIA DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM.....	27
4 CONEXÕES ENTRE AFETIVIDADE E ARTE	32
4.1 A ARTE QUE ME AFETA – EXPRESSIONISMO ABSTRATO	34
5 PROPOSIÇÕES ARTÍSTICAS & AFETIVAS	45
6 AQUI NÃO É O FIM!	51
REFERÊNCIAS.....	53

1 AS RAÍZES

A presente pesquisa possui como tema **“Expressando arte e afeto: a potência da afetividade na aprendizagem escolar”** trata-se de um assunto relevante para a educação e muito potente para o ensino-aprendizagem, porém, na maioria das vezes não percebemos a sua presença no ambiente escolar. Ao vivenciar os estágios obrigatórios da faculdade, percebi a importância das relações afetivas para um aprendizado significativo e o quanto os afetos pessoais influenciam nesse processo.

A partir disso, destaco o ensino da arte como promotor de subjetividades e afetos através das suas linguagens, para enfatizar a sua relevância trago as minhas experiências afetivas pessoais. Partindo desse contexto que surge a problemática: **De que maneira a afetividade contribui para o desenvolvimento de aprendizagem do aluno nas aulas de arte?**

Tendo como objetivo geral: **Reconhecer e enfatizar a potência da afetividade para o desenvolvimento de aprendizagem do aluno durante as aulas de arte.** Dessas reflexões nascem os objetivos específicos: perceber a importância das relações afetivas para o desenvolvimento de aprendizagem do aluno; compreender como a afetividade contribui na relação professor/aluno; relatar as minhas interações pessoais significativas na sala de aula; enfatizar as linguagens da arte como promotora de subjetividade.

Com base nesses pontos surgem as questões norteadoras: Como a afetividade pode contribuir para o desenvolvimento de aprendizagem do aluno? A arte promove o despertar para o sensível no professor e no aluno? O quanto a afetividade é importante no ambiente da educação? De que maneira os afetos pessoais influenciam no meu processo de criação artística?

A pesquisa está inserida na linha “Educação e Arte” que se encontra no projeto pedagógico do curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC. Princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte. A formação de professores. As artes visuais e suas relações com as demais linguagens artísticas. Estudos sobre estética, culturas e suas implicações com a arte e a educação.

Possui uma abordagem qualitativa e cartográfica de revisão bibliográfica, tendo como desafio no decorrer do seu processo manter o pensamento aberto, porém sem perder o foco e os objetivos. Com isso, se faz necessário que as metas a

serem alcançadas sejam flexíveis, pois a vivência durante a pesquisa deve ser a prioridade.

A cartografia é um “desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo em que os movimentos de transformação da paisagem” Tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido, para o cartógrafo, é bem-vindo. Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas. Por isso o cartógrafo serve-se de fontes as mais variadas, incluindo fontes não só escritas e nem só teóricas. Este é o critério de suas escolhas: descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender (ROLNIK, 1989, p. 15).

Acompanhar o processo e percurso da pesquisa lança o pesquisador a vivenciar esse trajeto de maneira intensa, podendo afetar e ser afetado, se movimentando, contribuindo e habitando o seu território. Na cartografia, não procuramos uma conclusão de fatos, e sim, focamos em sua metodologia, suas etapas, seus pontos negativos e positivos, a fim de tudo tonar potência para a escrita. Partindo de uma abordagem qualitativa, como trata Bogdan (1982),

1º) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave; 2º) A pesquisa qualitativa é descritiva; 3º) Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto; 4º) Os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente; 5º) O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa [...] (BOGDAN, 1982, apud TRIVIÑOS, 1987, p. 128-130).

O caminho trilhado nessa pesquisa contempla os seguintes capítulos, vamos conhecê-los? No capítulo inicial temos: **O que me afeta?** onde reflito e crio conexões sobre os meus afetos e desafetos, trago também algumas fotografias autorais da minha relação com a natureza, lugares, pessoas e destaco sobre as memórias afetivas com BOSI (1994).

O capítulo seguinte **Rizomas afetivos – De onde surgiram os meus afetos?** trata sobre os motivos e interesses propulsores sobre o assunto da pesquisa. Nele menciono algumas experiências em sala de aula enquanto estagiava e uma vivência marcante durante o meu percurso formativo no ensino médio. Para enfatizar as relações no processo de ensino-aprendizagem temos ABREU e MASETTO (1990) e CUNHA (2008).

No próximo capítulo **Relações entre afetividade e escola**, abordo questões sobre o papel social da escola, o ensino da arte e suas linguagens e as relações afetivas nesse contexto. Para destacar esses assuntos temos os teóricos FREITAS (2008); ANA MAE BARBOSA (2003); PCNS (1997); NUNES (2009) e outros.

Em seguida temos o capítulo denominado **A potência da afetividade na aprendizagem**, no qual apresento indagações acerca da afetividade na relação professor/aluno e o quanto isso é relevante para o aprendizado significativo. Nele cito os autores FERREIRA (1999); OLIVEIRA (2000); SPINOZA (2009); FERRAZ E FUSARI (2009) entre outros.

No penúltimo capítulo **Conexões entre afetividade e arte**, dialogo sobre a importância do ensino da arte e suas linguagens na escola e sobre as práticas pedagógicas e sua influência em sala de aula com ANDRADE (2016); BARBOSA (2010); FREIRE (2005); CUNHA (2008).

Em seguida temos o último capítulo **A arte que me afeta – Expressionismo Abstrato**, no qual menciono sobre o meu percurso formativo na universidade e o quanto as vivências contribuíram para o meu desenvolvimento sensível e crítico. Destaco uma experiência muito significativa na disciplina Ateliê de Pintura com o movimento artístico Expressionismo Abstrato, aponto relatos e fotografias desse processo e as contribuições de VALLIER (1986) e SCHAPIRO (2001) sobre a arte abstrata.

Na sequência apresento as **PROPOSIÇÕES ARTÍSTICAS & AFETIVAS**, na qual descrevo o Projeto de Curso. Posteriormente temos a conclusão denominada **AQUI NÃO É O FIM!** E logo após as referências.

2 O QUE ME AFETA?

Refletindo sobre os meus afetos me percebo cultivando-os através de diversas maneiras, um dos meus hábitos diários favoritos é escutar as bandas Engenheiros do Hawaii, Legião Urbana, Iron Maiden, Metallica entre outras, isso me tranquiliza e faz bem. Sou movida pelo ressignificar de memórias, histórias e experiências, pelas energias do universo, sentimentos e pensamentos.

O meu coração vibra ao escutar o som dos pássaros, ao sentir o cheiro das flores, a luz do sol refletindo na janela do meu quarto logo cedo, o brilho das estrelas e da lua. Não posso esquecer de mencionar também sobre os afetos mais significativos e importantes para mim: minha família, amigos e claro, a natureza!

Nessa viagem louca que é a vida, sou afetada também por outras questões como o desafeto entre as relações pessoais, as vivências negativas que passei durante a vida acadêmica e escolar desde bem pequena. Sou movida por afetos e desafetos!

O afeto **CURA**

O desafeto **DESTRÓI**

E VOCÊ? O QUE TE AFETA?

Durante o processo de pesquisa busco as minhas memórias afetivas e crio relações sobre a vida e os elementos que compõem uma flor, desta forma:

RAIZ:

Significa as experiências e bagagens que estou adquirindo ao longo da vida, ela poderá ficar cada vez mais forte dependendo da maneira que eu estou cultivando.

FOLHAS:

Representa as pessoas que fazem parte dessa minha caminhada. Algumas estão comigo até hoje e acompanham o meu florescer, outras, no entanto, precisei deixar o vento levar e ficaram pelo caminho.

FLORES:

São o resultado de tudo que mencionei até agora. São os frutos desses afetos; o florescer está conectado a todas as minhas conquistas, sonhos e metas já alcançadas e que ainda irei alcançar. Para que esse florescer aconteça, preciso adubar as minhas raízes com materiais ricos em fonte de amor, positividade, esperança, felicidade, afetividade, estudos e leituras, pois são elementos indispensáveis na minha vida acadêmica e pessoal.

Lembrando também que se faz importante cuidar com carinho das raízes e das folhas secas que aparecem ao longo desse processo natural, pois a todo momento afeto e sou afetada.

A seguir trago algumas fotografias autorais das relações que eu crio entre a natureza/lugares/pessoas/vivências que de alguma forma me afetam ou afetaram durante a vida. Esses registros são permeados de sentimentos e histórias, por esses motivos prefiro não colocar uma legenda específica, pois, existem lembranças que são inexplicáveis.

Desta forma, convido você a se aventurar comigo nesse processo que está repleto de significados. Aproveite este momento para refletir e ressignificar os seus afetos! Vamos nessa?

Imagem 1 – Sem título



Fonte: acervo pessoal.

Imagem 2 – Sem título



Fonte: acervo pessoal.

Imagem 3 - Sem título



Fonte: acervo pessoal.

Imagem 4 - Sem título



Fonte: acervo pessoal.

Imagem 5 – Sem título



Fonte: acervo pessoal.

Nossas memórias afetivas são muitas vezes carregadas de sentimentos, não se tratando apenas das lembranças em si, mas também dos motivos propulsores do que fazem lembrá-las:

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” e das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e permanente, oculta e invasora (BOSI, 1994, p. 46 – 47).

Podemos realizar esse processo de rememorar através de diversas maneiras, seja com proposições artísticas utilizando objetos pessoais, aromas, músicas, fotografias ou outros. Vale ressaltar que este processo pode ocorrer por meio de uma percepção sensorial que precisa estar ligada há algum momento afetivo e de importância para quem está lembrando.

Imagem 6 – Sem título



Fonte: acervo pessoal.

Imagem 7 – Sem título



Fonte: acervo pessoal.

Imagem 8 – Sem título



Fonte: acervo pessoal.

2.1 RIZOMAS AFETIVOS – DE ONDE SURGIRAM OS MEUS AFETOS?

A partir de observações realizadas através dos estágios obrigatórios e das vivências em sala de aula como segunda professora, constatei uma carência muito grande de laços afetivos nas relações professor/aluno e aluno/aluno. Encontramos dentro de uma única sala de aula, alunos de realidades diferentes, bagagens artístico/cultural e visão de mundo distintas, além de suas próprias subjetividades, com isso para conseguir atingir toda essa pluralidade o professor precisa exercer práticas pedagógicas com abordagens diferenciadas de forma que aproxime o aluno do conteúdo que está sendo trabalhado. De acordo com Abreu e Masetto (1990, p.113), “o professor e o aluno interagindo formam o cerne do processo educativo”, a partir disso percebe-se a potência da relação entre esses dois protagonistas para o aprendizado significativo.

Relembrando um pouco sobre a minha trajetória como aluna em todos os níveis de ensino, tenho lembranças boas e ruins em relação à prática da afetividade dentro da sala de aula. Muitas vezes tinha dificuldade no processo de aprendizagem por decorrência de problemas familiares, a partir disso, penso que naquelas situações se eu tivesse recebido um olhar sensível por parte dos professores, essas interferências externas poderiam não ter me atingido tanto durante as aulas. Nesses momentos em que eu estava afetada por sentimentos ruins e pensamentos negativos, o (a) professor (a) poderia ter questionado sobre o meu desenvolvimento nas atividades, sentado ao meu lado e mostrado empatia pela situação que eu estava vivenciando. São através dessas pequenas atitudes no dia a dia escolar que a vida do aluno é transformada, desta forma ele poderá se sentir confiante para enfrentar qualquer obstáculo na vida.

Por outro lado, no ensino médio tive uma experiência maravilhosa e marcante com uma professora de biologia, que compreendia a realidade do aluno e a sua subjetividade, tornando os conteúdos das aulas fascinantes. Ela se tornou desde então uma das minhas principais inspirações como professora, pois tinha um olhar sensível para os alunos. Durante as aulas sempre havia espaço para o debate e a opinião de todos, quando não estávamos bem ela nos questionava e tentava encontrar uma solução em conjunto. Em algumas situações nas quais os alunos não faziam as tarefas, ela conversava individualmente para tentar compreender o que havia acontecido, criando assim uma relação afetiva na sala de aula.

Sendo assim, Cunha (2008, p. 67) salienta:

[...] o que vai dar qualidade ou modificar a qualidade do aprendizado será o afeto. São as nossas emoções que nos ajudam a interpretar os processos químicos, elétricos, biológicos e sociais que experienciamos, e a vivência das experiências que amamos é que determinará a nossa qualidade de vida. Por esta razão, todos estão aptos a prender quando amarem, quando desejarem, quando forem felizes (CUNHA, 2008, p. 67).

Desta forma, a afetividade além de poder contribuir para o ensino-aprendizado do aluno, poderá também favorecer o desenvolvimento psicológico, sentimental e social. Quando o(a) professor(a) exerce práticas pedagógicas afetivas em sala de aula, o aluno tem a oportunidade de se sentir compreendido de acordo com a sua realidade, isso irá contribuir para o seu bom desempenho durante as atividades. Assim ele também compreenderá melhor como lidar e expressar os seus pensamentos e sentimentos, fortalecendo e ressignificando seus vínculos sociais.

3 RELAÇÕES ENTRE AFETIVIDADE E ESCOLA

Levando em consideração que o ser humano está em uma constante transformação, precisamos compreender que as maneiras de ensinar também precisam passar por mudanças. Desta forma, as relações de afeto dentro da sala de aula podem contribuir para que as aulas se tornem mais significativas tanto para o aluno quanto para o professor. A partir do momento em que ambos se sentem comprometidos com o ensino-aprendizagem percebem que são partes ativas e que suas atitudes influenciam nesse processo, as aulas passam a ter um novo sentido.

O professor pode exercer uma postura de incentivo ao aluno em seu processo de aprendizagem por meio de conversas, quando ele não realiza uma atividade corretamente ou compreendendo os seus motivos quando não finaliza um trabalho escolar. Por outro lado, o professor que exerce um comportamento opressor durante as atividades propostas agredindo verbalmente e desmotivando os alunos, acaba por despertar um sentimento de bloqueio e angústia no aluno. De acordo com Freitas (2008, p.21),

Ao professor, cabe a responsabilidade inicial de, como ponte, fomentar os seus sonhos e de seus alunos, incentivando-os com seus exemplos e ações. Ao aluno cabe a ousadia de trazer seus sonhos e de não aceitar nada menos do que ser tratado como homem – sujeito – nessa relação; a “rebeldia” de não aceitar nada preestabelecido, mas negociando na parceria as estranhezas. Aos dois, cabe a “loucura” de se permitirem a relação com tudo que é peculiar de suas diversidades. (FREITAS, 2008, p. 21).

A escola é considerada um local onde o aluno frequenta uma grande parte da sua vida, sendo assim não pode se limitar a fornecer apenas conhecimentos conceituais. É de extrema importância que ela reconheça o aluno como um ser singular, pensante, pulsante, inquieto, cada qual com a sua própria bagagem e história, composto assim por emoções, sentimentos, percepções, afetos positivos e negativos. De acordo com Sastre e Moreno (2003, p. 143), durante o processo de aprendizagem

[...] devem ser tecidas as relações entre aspectos cognitivos e afetivos, entre fenômenos científicos e cotidianos, entre os aspectos considerados pertencentes à vida pública e os considerados exclusivos da vida privada, para reunir o que já havia sido arbitrariamente separado e que provoca cisões, também arbitrárias, no psiquismo dos estudantes (SASTRE e MORENO, 2003, p. 143).

Um dos elementos que compõem o ser humano são os sentimentos, dessa maneira eles não podem ser desvalorizados e negligenciados dentro do ambiente escolar e sim compreendidos e desenvolvidos. O aluno que se sente valorizado e respeitado ao realizar as atividades durante as aulas, adquire confiança para desenvolver a sua personalidade e potencialidades, além disso, a relação entre a cognição e afetividade está relacionada com o bom desempenho escolar.

Bechara (2003, p. 191), ressalta que:

[...] a emoção influencia de maneira significativa muitas de nossas funções comportamentais e cognitivas diárias. A importância da emoção nas questões humanas é óbvia. Os distúrbios emocionais atormentam pacientes com muitos problemas neurológicos e psiquiátricos (BECHARA, 2003, p. 191).

Enfatizando as emoções no contexto do ensino da arte, Ana Mae Barbosa considera que “se a arte não é tratada como conhecimento, mas somente como um “grito da alma”, não estaremos oferecendo uma educação nem no sentido cognitivo, nem no sentido emocional. Por ambas a escola deve se responsabilizar” (2003, p. 23).

A partir disso, abordando o contexto do ensino da arte na escola, podemos perceber o quanto ela se faz fundamental para a formação significativa do aluno. No contexto da arte-educação os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) se

constituem enquanto um documento que auxilia nessa discussão, explicitando a potência da arte para a ampliação da leitura de mundo e ressignificando as percepções sobre a realidade em que vivem, desta maneira:

Aprender arte é desenvolver progressivamente um percurso de criação pessoal cultivado, ou seja, alimentado pelas interações significativas que o aluno realiza com aqueles que trazem informações pertinentes para o processo de aprendizagem (outros alunos, professores, artistas, especialistas), com fontes de informação (obras, trabalhos dos colegas, acervos, reproduções, mostras, apresentações) e com o seu próprio percurso de criador. (PCNs- Artes, 1997, p.35).

As linguagens artísticas presentes no currículo escolar (Artes Visuais, Teatro, Música e Dança) proporcionam experiências por meio da apreciação artística, do desenvolvimento do senso crítico e das experiências estéticas, com isso colaboram para a socialização do educando. Desta maneira se faz importante que o aluno tenha contato com as diferentes linguagens da arte, como meio para produzir e expressar seus pensamentos e sentimentos. Com isso possibilita a descoberta do ato criativo e oportuniza o contato com a sua imaginação, percepção e subjetividade.

O ensino da arte na escola propicia ao educando se envolver com os seus afetos, sendo eles positivos ou negativos, através de atividades em que possam rememorar histórias e experiências passadas. Quando lhes é dada essa oportunidade durante as aulas, o professor consegue compreender melhor a realidade de cada aluno e pode contribuir nesse processo.

A arte no contexto educacional se faz no sentido de promover um cidadão consciente, ativo e crítico, que compreende a sociedade e age no meio em que vive. De acordo com Fischer (1987, p. 20), “a arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Mas a arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente.”

Os professores possuem o “poder” de influência e persuasão dentro da sala de aula, com isso na maioria das vezes, podem *adubar e cultivar sementes* positivas em seus alunos, ou podem contribuir para o *apodrecimento e morte das suas flores e raízes*. Ao perceberem que suas falas e ações influenciam no sucesso ou fracasso escolar dos estudantes, passam a compreender o poder de seus atos e discursos. De acordo com Nunes (2009), um professor motivador, inspirador, amigo e conselheiro, fará com que “os horizontes se abram cada vez mais, tornando a

educação uma fonte de possibilidades onde se pode beber sem limites” (NUNES, 2009 p.21).

Por esses motivos é sempre valido se questionar:

“DE QUE FORMA ESTOU AFETANDO OS ALUNOS?”

3.1 A POTÊNCIA DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM

Existem muitas pesquisas sobre o desenvolvimento de aprendizagem, o que é e como o sujeito aprende, porém a aprendizagem se constitui de algo que vai além do simples saber. Ela acontece por meio de trocas de conhecimentos e experiências vivenciadas entre o professor e o aluno. Com isso, torna-se importante que essas relações durante as aulas sejam permeadas de afeto, para que assim os conteúdos se tornem mais significativos e o ato de aprender realmente aconteça.

A afetividade é composta por um conjunto de fenômenos afetivos, sendo eles as emoções, sentimentos e paixões. De acordo com Ferreira (1999, p. 62) a afetividade é:

“sentimento de amizade”, “afeiçoado”, “carinho”, “afabilidade”. Assim, quando se pensa em “afeição”, vêm naturalmente à mente imagens relacionadas a cuidado, acolhimento, aceitação, afago. Para ser afeto, precisa afetar, tocar, contactar aquele que estava “sujeito a”, produzindo uma mudança de estado. Assim, o afeto é uma emoção que logo avistamos, porque se materializa e, desta forma, se comunica, se avista (FERREIRA, 1999, p. 62)

Realmente, a afetividade é um meio importante para o professor alcançar um bom rendimento com os alunos, ao motivá-los durante esse processo a busca pelo conhecimento se torna mais prazerosa. Desta forma, Cunha (2008, p. 63) ressalta que,

O modelo de educação que funciona é aquele que começa pela necessidade de quem aprende e não pelos conceitos de quem ensina. Ademais, a prática pedagógica para afetar o aprendente deve ser acompanhada por uma atitude vicária do professor (CUNHA, 2008, p.63).

A partir disso a prática de ensinar e aprender não deve se restringir a algo imposto ou somente a transferência de conhecimento, mas sim torna-se relevante

uma experiência na qual seja satisfatória e feliz, tanto para o aluno quanto para o professor. Na concepção de Wallon (1962), “a emoção é o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos. É fundamental observar o gesto, a mímica, o olhar, a expressão facial, pois são constitutivas da afetividade emocional” (1962, apud DANTAS, 1992, p.65).

Nesse contexto se torna significativo e necessário que o professor se permita a conhecer a realidade do aluno, bem como as suas subjetividades e potencialidades. Para Aquino (1996),

Os laços afetivos que constituem a interação Professor-Aluno são necessários à aprendizagem e independem da definição social do papel escolar, ou mesmo um maior abrigo das teorias pedagógicas, tendo como base o coração da interação Professor-Aluno, isto é, os vínculos cotidianos (AQUINO, 1996, p.50).

Compreendemos que o ser humano é movido por seus afetos, na grande maioria sentem o desejo de se comunicar, expressar, estar junto, ser reconhecido pelo outro, afetar e ser afetado. Desta forma os afetos podem ser compreendidos como sentimentos, que é a razão de ser, conhecer e pensar do ser humano, é a sua essência. Para Freire (1996), se torna fundamental a comunicação e a expressão dos sentimentos, independente dos níveis de relações sociais.

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual. (FREIRE, 1996, p. 146).

As perspectivas sobre o afeto estão totalmente relacionadas à história da sociedade e da cultura, não seria possível existir uma vida social e cultural se não fosse por meio do afeto na mediação entre as pessoas. São os afetos que permeiam a construção da existência humana, pois afinal todos necessitam criar vínculos.

As emoções são como incentivos que despertam inúmeras ligações que possivelmente darão início aos processos de transformações e desenvolvimentos pessoais. A partir disso, podemos pensar no ensino da arte, na qual em seus conteúdos e práticas pedagógicas o professor tem a possibilidade de estimular e potencializar o desenvolvimento sensível no aluno. Desta forma, contribuindo e cultivando também a construção e pesquisa de novos conhecimentos,

subjetividades, consciência, autonomia, criticidade e afetividade dos educandos, fortalecendo e transformando as suas relações com o mundo.

Assim, Oliveira (2000) enfatiza a potência do posicionamento do professor em sala de aula:

A sala de aula é um espaço em construção cotidiana, onde professores e alunos interagem mediados pelo conhecimento. Desafiadora instigante, espaço de desejo, de negociação ou resistência, a sala de aula é reveladora de nossos acertos ou de nossos conflitos. Torná-la um espaço de construção de experiências educativas relevantes para professores e aluno é uma das questões desafiantes para nós educadores (OLIVEIRA, 2000, p. 61).

Desta maneira o professor será capaz de identificar que as ações dos alunos não acontecem de forma isolada, mas sim, estão vinculadas as suas próprias ações. Com isso, torna-se imprescindível a análise e a reflexão sobre as suas atitudes regularmente, buscando mudanças sempre que necessário. A relação cultivada entre professor e aluno necessita ser compreendida como um elemento insubstituível para o desenvolvimento do aluno. Para que isto de fato aconteça, as suas raízes devem ser adubadas com respeito, confiança, amor, paciência e empatia.

A didática do professor ao planejar uma aula possui interferência na afetividade e aprendizagem dos alunos, a maneira que ele apresenta os conteúdos pode muitas vezes afetar cada um deles de modo diferente e singular. Dessa forma Spinoza (2009, p.99) afirma que, “o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída”. Os resultados dessas ações se revelam na aprendizagem, pois muitas vezes a afetividade é esquecida e deixada de lado, havendo destaque somente para os conteúdos e metodologias. No artigo de Xavier e Neves (2014) é salientado os afetos para Spinoza (2010):

É impossível falar dos afetos em Spinoza sem mencionar a indissociabilidade entre mente e corpo. Para o filósofo, ambos estão ligados e se correspondem mutuamente, pois, afinal, há, de fato, união entre mente e corpo. Quando o corpo percebe, sente várias coisas e, simultaneamente, a mente também percebe e sente. A mente e o corpo são um único e mesmo indivíduo. Os dois agem em conjunto. O corpo humano para se conservar, precisa de outros corpos exteriores ao dele, e por meio desses corpos é constantemente regenerado e nessa busca permanente por outros corpos, o corpo humano movimenta-se, afeta outros corpos e é afetado de diferentes maneiras (SPINOZA, 2010 apud XAVIER; NEVES, 2014, p. 2).

Levando em consideração que cada pessoa é singular, o modo pelo qual cada corpo é afetado se faz de forma única e subjetiva. Podemos ser afetados de múltiplas maneiras, nenhum corpo reage do mesmo jeito, pois somos influenciados por nossa história pessoal, cultural e biológica. De acordo com Spinoza (2009),

O termo afeto – affectus – expressa a mudança de um estado a outro, não apenas no corpo afetado, mas também no corpo afetante. Essa transição pode ser positiva ou negativa para o corpo afetado, o que se caracteriza pelo aumento, no primeiro caso, ou pela redução, no segundo, da potência de agir do corpo (apud NOVIKOFF e CAVALCANTI, 2015 p. 91).

Para que os conteúdos sejam significativos para os alunos, é necessário que o professor compreenda a relevância e a influência do desenvolvimento emocional para o processo de aprendizado. Faz-se fundamental reconhecer que uma relação saudável entre professor/aluno e o convívio aluno/aluno, pode contribuir para o aprendizado de ambos. De acordo com De Souza (2003, p. 57) “[...] a afetividade interfere constantemente no funcionamento da inteligência, estimulando-o ou perturbando-o, acelerando-o ou retardando-o”.

Além disso, tecendo conexões com o ensino da arte na escola, percebe-se que essa carece ser pensada e ressignificada para permear além da formação escolar com base somente em conteúdos, ou seja, necessita de uma formação humana e sensível. Desta forma, se faz indispensável que o professor e a gestão escolar, compreendam a importância da afetividade a partir da educação e vivência das emoções.

Portanto, a educação em arte “[...] como linguagem, expressão, comunicação e produção de sentidos trata da percepção, da emoção, da imaginação, da intuição, da criação, elementos fundamentais para a construção humana”. (PILLOTTO, 2007, p. 19)

Precisamos compreender a arte dentro das instituições de ensino de maneira não fragmentada, pelo contrário, como uma dimensão integradora de sensibilidade, conhecimento e expressão. As linguagens artísticas devem ser contextualizadas de modo que os alunos se sintam tranquilos para expressarem seus pensamentos e sentimentos.

[...] se quisermos contribuir para o desenvolvimento de potencialidades do aluno, devemos planejar e orientar as atividades pedagógicas de maneira a ajudá-lo a aprender a ver, olhar, ouvir, tocar, sentir, comparar o elementos presentes em seu mundo, tanto os da natureza como também as diferentes

obras artísticas e estéticas do mundo cultural (FERRAZ e FUSARI, 2009, p.31).

A presença ativa do ensino da arte nas escolas promove e impulsiona momentos e experiências de estesia, ou seja, as emoções são provocadas a partir das suas diversas linguagens. Vale ressaltar a importância das relações que o aluno possui fora do meio escolar, assim

a formação da sensibilidade não está restrita ao espaço escolar; ela se dá na vida todos os dias, na relação com os objetos e com as pessoas, na relação com o mundo que nos cerca e, a cada momento, transforma-nos e coloca-nos em contínuo movimento (DIAS, 1999, 177).

Evidenciando o papel social da escola em contribuir para o desenvolvimento do sujeito sensível, a relação entre o aluno e os conteúdos didáticos precisam ser envolvidos de significados, pois desta forma

[...] é urgente lembrarmos que, para aprender, é necessário um vínculo afetivo positivo com o conteúdo a ser aprendido, um ambiente que leve em consideração os aspectos de Ser Humano, do educador e do aprendiz, e a função social do ensino/aprendizagem (BARBOSA, 2001, p.100).

No momento em que os alunos estão no processo de desenvolvimento de aprendizagem, eles estão sentindo; estão afetando e sendo afetados emocionalmente o tempo todo. A partir disso, o ensino da arte através das suas linguagens busca compreender e dar liberdade à autonomia criativa e crítica dos estudantes. E como aponta Martins, Picosque e Guerra (1998),

[...] a arte é importante na escola, principalmente porque é importante fora dela. Por ser um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a arte é um patrimônio cultural da humanidade e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber (MARTINS, PICOSQUE e GUERRA, 1998 p. 13).

Contudo, isso não delimita os conhecimentos e experiências sobre a arte apenas ao ambiente escolar. Sabe-se que teatros, shows, museus, concertos e meios de comunicação também proporcionam saberes artísticos.

4 CONEXÕES ENTRE AFETIVIDADE E ARTE

O ensino da arte no Brasil passou por várias mudanças ao longo da sua história até os dias atuais, essas mudanças aconteceram devido às transformações políticas, sociais e econômicas que exercem influência sobre a educação. A partir disso um novo olhar sobre a educação foi se transformando e o ensino da arte acompanha essa dinâmica do conhecimento por meio da pesquisa.

Na década de 1980 surgiram as associações de professores e pesquisadores do ensino da arte, com o intuito de reformular os conceitos sobre o ensino e a aprendizagem da arte na educação. Nessa perspectiva houve um marco pela inserção da disciplina no currículo escolar, e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996. A partir disso aconteceu o reconhecimento da disciplina como conhecimento obrigatório e imprescindível à formação humana. Neste contexto, as discussões também permearam os campos metodológicos e teóricos, como o intuito de melhorar as contribuições da disciplina para a formação dos sujeitos (ANDRADE, 2016).

A partir de 1990 surgem novas abordagens pedagógicas e leis que fomentam a melhoria para o ensino da arte, em uma dessas abordagens surgiu a Proposta Triangular inserida no Brasil por Ana Mae Barbosa no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. Essa teoria possui uma abordagem renovada para a educação em arte, na qual busca uma aprendizagem mais significativa com ênfase na importância da história da arte.

Nos anos 90 a abordagem triangular passou a ser colocada em prática. Inicialmente foi chamada de Projeto Arte na escola. Mais tarde, ficou conhecida como Triangular e/ou Abordagem Triangular. Entre essas duas nomenclaturas foi escolhido o nome de Abordagem Triangular (Barbosa, 2010, p.11).

A Abordagem Triangular não se baseia em um modelo fechado, engessado, ou um guia, o professor na sua prática docente pode fazer as suas escolhas metodológicas, podendo haver mudanças e adequações, enfatizando-o com o contexto em que se encontra.

Para Ana Mae a “[...] Abordagem Triangular é aberta a reinterpretações e reorganizações, talvez por isso tenha gerado tantos equívocos, mas também gerou

interpretações que enriqueceram, ampliaram e explicitaram [...]” (BARBOSA; CUNHA, 2010, p. 11) diversas abordagens metodológicas.

Cabe destacar, que esta abordagem também pode ser utilizada por professores de outras áreas do conhecimento, uma vez que ela não se baseia em conteúdos e sim em ações, desta forma sendo apropriada e ressignificada a diversos saberes. Cada professor utiliza a abordagem triangular do seu modo, tornando algo flexível e dinâmico. Com isso, podemos perceber que a metodologia triangular proposta por Ana Mae trouxe uma nova forma de ver a arte nas escolas, na qual traz a estesia, produção, reflexão, contextualização e fruição.

Pensando sobre as relações entre professor/aluno dentro da sala de aula, o educador e filósofo Paulo Freire em seu livro *Pedagogia do Oprimido* (1968) fala sobre a “Educação Bancária”, na qual o professor somente deposita os conteúdos nos alunos, não levando em conta as suas subjetividades e os seus conhecimentos prévios.

O conceito de educação bancária nega o diálogo, a troca de experiências e a criação de vínculos, nela “o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados” (Freire, 2005, p. 68). Desta maneira, percebemos que o educador é visto como um “ser superior”, o único detentor do saber, e o educando aquele que precisa ser ensinado a aceitar tudo que lhe é imposto e a não questionar. Segundo Cunha (2008, p. 80),

A professora ou o professor é o guardião do seu ambiente. A começar pelos seus movimentos em sala, que devem ser adequados e gentis. A postura, o andar, o falar são observados pelos alunos que vê como modelo. Independentemente da idade, da pré-escola à universidade, o professor será sempre observado. Então um bom ambiente na prática do ensino começa por ele que canalizará a atenção do aprendente e despertará o interesse em aprender (CUNHA, 2008, p.80).

Desta forma, o professor que somente “deposita” os conteúdos em sala de aula, percebe os alunos como se fossem objetos vazios a serem preenchidos, com isso a educação bancária oprime e não liberta. A prática pedagógica se estabelece a partir de uma relação autoritária, na qual os educandos só recebem ordens do que devem dizer e fazer, não havendo o estímulo para a autonomia e a criatividade.

Neste contexto, a educação “é puro treino, é pura transferência de conteúdo, é quase adestramento, é puro exercício de adaptação ao mundo” (Freire, 2000, p.

101). Assim, não é permitido que os alunos façam questionamentos e nem contribuições durante o período da aula, justamente por ser uma educação que não visa a formação de um sujeito crítico e consciente de seus pensamentos e ações.

Desta forma, na visão da educação bancária as ações pedagógicas são totalmente desligadas das experiências e repertórios que o aluno adquiriu ao longo de sua vida. Com isso, as avaliações dos educandos têm como objetivo apenas classificar, selecionar e contabilizar números através de notas quantitativas.

Por outro lado, podemos pensar em uma educação na qual tenha como foco o desenvolvimento de aprendizado significativo do aluno, com ênfase em sua bagagem histórico/artístico/cultural, dentro da realidade em que vive. Assim podemos compreender a importância da relação entre professor e aluno, pois, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2011, p. 24)

Ao longo das nossas experiências de vida podemos considerar que vivenciamos várias interações e relações com inúmeras pessoas, com isto é válido salientar que o ambiente escolar propicia interações significativas. Desta forma, também abrange aquela entre o professor e o aluno, onde há o propósito de promover o desenvolvimento do indivíduo, logo é necessário pensar no modo como se aprende e se ensina.

4.1 A ARTE QUE ME AFETA – EXPRESSIONISMO ABSTRATO

No decorrer do meu percurso formativo na universidade tive experiências que me afetaram significativamente, com toda certeza elas contribuíram para o meu desenvolvimento sensível e crítico. Ao longo desses anos de estudos e vivências percebi o quanto sou movida pelos meus pensamentos e sentimentos, na qual esses estiveram presentes na grande maioria das minhas produções artísticas. Dentre essas experiências com a arte, escolho mencionar aqui um dos movimentos artísticos que me afetou de forma significativa, o Expressionismo Abstrato.

O abstracionismo, movimento artístico que tem seu marco no pós-guerra (1939-1945) nos Estados Unidos, conquistou seu ponto mais alto após a Segunda Guerra Mundial. Esse movimento possui em suas raízes um viés transformador, polêmico, inquietante e que independe da realidade, desta maneira, deixando de lado as formas e padrões preestabelecidos.

De acordo com Vallier (1986, p. 179) “a arte abstrata é pura, ao passo que o realismo não é, porque visa substituir a existência. A forma abstrata recusa as aparências enganadoras do realismo e assume uma maneira de ser autêntica”. Na arte abstrata a mesma obra pode ser vista, sentida e interpretada a partir de diversas formas, sendo ela composta por dois grupos, o abstracionismo lírico ou informal e o abstracionismo geométrico.

Por um lado, inicialmente, a abstração tende a ser uma ciência da beleza concebida como uma ordem e uma harmonia: é a chamada abstração geométrica. Em seguida, partir de 1945, assistimos a uma outra abstração, que já não é a procura da forma, mas que, pelo contrário, é o desejo de exprimir, antes da formas e mesmo fora dela, toda riqueza e espontaneidade da vida interior, projetando-se o artista inteiramente na sua obra: é a chamada abstração lírica ou informal (VALLIER, 1986, p. 16).

Desta maneira o abstracionismo informal não segue um padrão em suas formas e composições, pois muitas vezes o que predomina é a expressão do sentimento do artista. Podemos identificar algumas vertentes que compõem o expressionismo abstrato, neste capítulo darei ênfase apenas a uma delas, a *Action Painting* (pintura de ação).

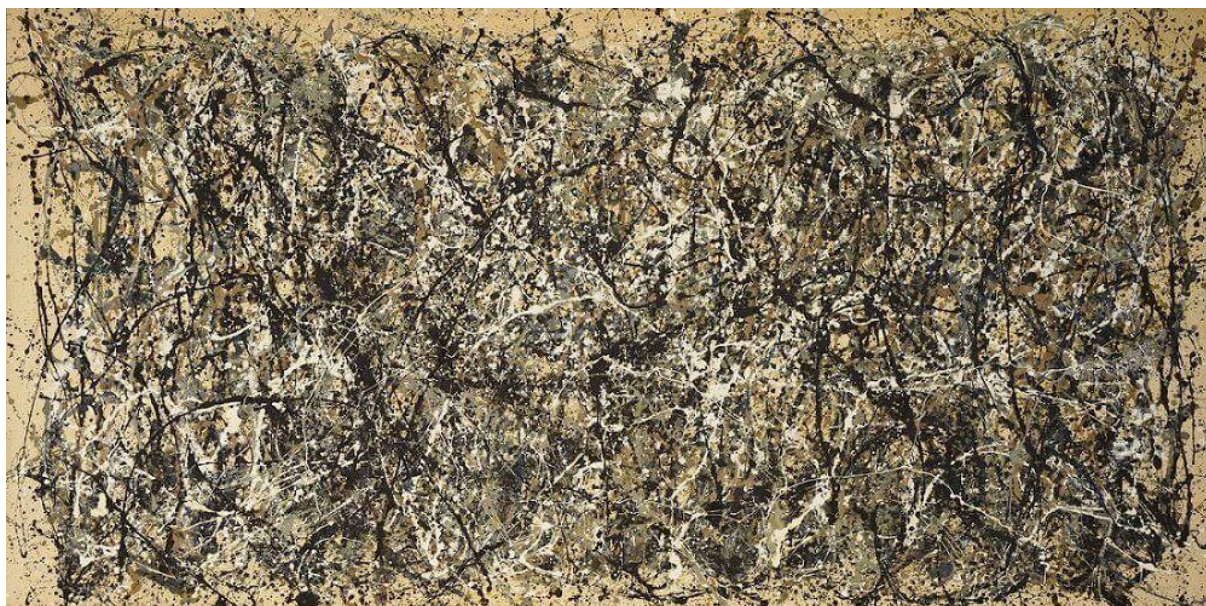
Nessa época muitos artistas decidiram romper com a arte tradicional de cavalete e destacaram a criação artística a partir das emoções e expressões humanas. Um artista que integra esse movimento e representa o expressionismo abstrato, é o Jackson Pollock, que se tornou a inspiração para a minha pesquisa e produção artística durante a disciplina de pintura.

Imagem 9 - Pollock utilizando a técnica *dripping*

Fonte: Toda Matéria.¹

Ao dispor grandes telas no chão do seu ateliê, Pollock utilizava o corpo todo como ferramenta para realizar as composições abstratas, bem como pinceis, talheres, espátulas, varas, areia etc. A tinta era lançada diretamente na tela através de gestos e grandes movimentos transmitidos em forma de linhas, respingos e texturas espontâneas. É desse período a tela “One” (1950), importante obra do *action painting*. É importante destacar a preferência pela pintura através do *dripping* (gotejamento), idealizada pelo artista surrealista Max Ernst. No entanto, Pollock foi o que mais utilizou, contribuindo muito para o seu desenvolvimento.

¹ Disponível em: < <https://www.todamateria.com.br/jackson-pollock/>>. Acesso em: 10 de outubro de 2020.

Imagem 10 – One: Number 31, 1950

Fonte: Jackson Pollock².

Conforme Schapiro (2001, p. 14), “a pintura abstrata se abre claramente para uma ampla gama de expressões; ela é praticada de maneiras diferentes por muitos temperamentos, um fato que por si só contesta a ideia de sua não-humanidade”. Considerando a potência da arte abstrata ao captar a expressão dos sentimentos do artista, trago a minha experiência ao colocar em prática esses conhecimentos.

Ao longo do caminho na disciplina de Ateliê de Pintura, tive a oportunidade de pesquisar e conhecer um pouco mais sobre esse movimento. Neste momento eu percebi a minha ligação com a arte e passei a me questionar sobre os meus afetos positivos e negativos... afinal,

“O que me move? Onde estão as minhas raízes? Cadê a minha essência?”

Título: Reconstrução

Técnica: Tinta acrílica, cabelo e cola sobre tela.

Ano: 2018

² Disponível em: < <https://www.jackson-pollock.org/one-number31.jsp>>. Acesso em: 5 de setembro de 2020.

Imagem 11 – Processo artístico



Fonte: Acervo pessoal.

Imagem 12 – Processo artístico



Fonte: Acervo pessoal.

Imagem 13 – Processo artístico



Fonte: Acervo pessoal.

Imagem 14 - Processo artístico



Fonte: Acervo pessoal.

Imagem 15 - Processo artístico



Fonte: acervo pessoal.

Imagem 16 - Produção artística finalizada



Fonte: acervo pessoal.

Após apresentar esses registros que mostram o processo do meu trabalho artístico, trago uma escrita pessoal em que relato como foi essa experiência:

“O processo não foi nada fácil, pois envolveu palavras que estavam ocultas na minha mente por muito tempo, sentimentos oprimidos e um pouco de inquietação.

Eu sempre tive vontade de fazer o corte de cabelo Pixie, porém por conta de comentários e preconceitos ridículos que escutei a minha vida toda me fizeram desistir dessa vontade.

Enquanto estava nesse processo, criei coragem e resolvi literalmente fazer o que queria sem me importar com as opiniões alheias! Cortei o cabelo e me senti LIVRE! Essa palavra define.

Ressignifiquei essas palavras e sentimentos que vivem comigo, e como eu não poderia deixar passar esse momento único de qualquer forma, envolvi tudo isso nesse trabalho lindo que tem um significado enorme para mim!”

(Liliane Teixeira 24/12/2018)

A partir disso, percebo a importância de se fazer presente durante este percurso formativo e o quanto essas experiências contribuem para o meu *florescimento*. Assim, pretendo continuar *adubando as minhas raízes* após finalizar esse ciclo da faculdade, sinto que as flores do meu jardim poderão irradiar muita luz e cores por aí e durante esse caminho, continuo resignificando e transformando muitas memórias afetivas que há em mim.

5 PROPOSIÇÕES ARTÍSTICAS & AFETIVAS

TÍTULO:

CORPO AFETADO PELA ARTE: ressignificando memórias afetivas

EMENTA: Fotografia, Memórias afetivas e Fanzine.

CARGA HORÁRIA: 3:00hrs, divididas em 2 encontros de 1:30hrs/a.

PÚBLICO ALVO: Professores (as) de Arte e alunos (as) do Ensino Médio.

JUSTIFICATIVA

Refletindo sobre as contribuições que a afetividade pode trazer para o desenvolvimento de aprendizagem do aluno enfatizando as aulas de arte, surge essa proposição de projeto de curso, com o tema **“Corpo afetado pela arte: ressignificando memórias afetivas”**.

Propondo encontros na qual o (a) professor (a) e os alunos (as) possam identificar e reconhecer as suas memórias afetivas por meio de reflexões e experiências artísticas. Durante o desenvolvimento de aprendizagem cabe considerar a potência das memórias, pois através destas podemos criar relações com o que já foi compreendido em outros momentos. Além disso, as memórias afetivas muitas vezes são carregadas de sensações e sentimentos significativos.

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” e das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e permanente, oculta e invasora (BOSI, 1994, p. 46 – 47).

Ao pensar sobre essas proposições levo em consideração a Pandemia mundial que estamos vivenciando neste ano de 2020, por decorrência do vírus intitulado COVID-19, doença causada pelo Coronavírus. Por consequência, algumas medidas de prevenção foram tomadas e o isolamento social foi uma delas, pois o vírus é transmitido através do contágio no contato pessoal. Neste momento a

comunicação entre as pessoas está acontecendo mediada por celulares, computadores e também do acesso as redes sociais, desse modo as relações pessoais e de afeto foram se transformando.

Na educação algumas medidas de prevenção foram tomadas, nas quais anteriormente as aulas eram presenciais e agora estão acontecendo por meio da tecnologia de forma síncrona ou com plataformas que propõe o modo assíncrono de comunicação dos professores com os estudantes. Com isso, ambos estão encontrando formas de se comunicarem e expressarem, para que a troca de conhecimento seja significativo e efetivo.

Com foco nas aulas de arte para que seja tratado questões sobre as memórias/relações/afetos/ressignificações/arte, proponho experiências nas quais possam possibilitar ao estudante e também ao professor um reencontro com a sua essência, assim, ressignificando memórias e vivências. Desta forma, algumas experiências artísticas aqui apresentadas poderão ocorrer através das aulas mediadas por tecnologia.

Uma das propostas a serem apresentadas aos alunos para dar potência as suas memórias afetivas será a criação de um Fanzine. Através da criação desse material artístico, os alunos terão a possibilidade de refletirem e ressignificarem os seus afetos pessoais. A partir disso, podemos salientar a importância do ensino da arte na contemporaneidade, pois o seu estudo nos proporciona ver o mundo de outra forma, com um novo olhar.

A arte nos possibilita criar novos sentidos e significados a vida e a realidade, através das linguagens artísticas podemos desenvolver o senso crítico e criativo, assim contribuindo e interagindo com a sociedade na qual vivemos. Desta forma, refletindo sobre os afetos percebo como somos afetados o tempo todo e o quanto isso influencia no aprendizado. Vale considerar que o corpo presente na sala de aula é um:

Corpo pensante
Corpo pulsante
Corpo presente
Corpo ausente
Corpo amado
Corpo odiado
Corpo oprimido
Corpo afetado

(Reflexões da autora sobre o corpo)

OBJETIVO GERAL

Identificar e reconhecer as memórias afetivas por meio de reflexões e experiências artísticas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS / HABILIDADES BNCC

- Identificar a potência das memórias afetivas;
- Ampliar perspectivas sobre as memórias afetivas através das experiências artísticas;
- Criar um Fanzine;
- Conhecer as fotografias artísticas e afetivas da propositora Liliane Teixeira.
- **(EM13LGG301)** Participar de processos de produção individual e colaborativa em diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais), levando em conta seus funcionamentos, para produzir sentidos em diferentes contextos.
- **(EM13LGG302)** Posicionar-se criticamente diante de diversas visões de mundo presentes nos discursos em diferentes linguagens, levando em conta seus contextos de produção e de circulação.
- **(EM13LGG702)** Avaliar o impacto das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) na formação do sujeito e em suas práticas sociais, para fazer uso crítico dessa mídia em práticas de seleção, compreensão e produção de discursos em ambiente digital.

METODOLOGIA

Para a realização das experiências artísticas será disponibilizado os materiais, que se dará por meio de dois encontros (1:30 hrs) presencias durante as aulas de arte na escola.

Primeiro encontro: Para dar início me apresentarei e estabecerei conexões sobre o tema a ser dialogado: **memórias afetivas**. Em seguida convidarei os alunos para que façam um círculo no meio da sala, juntamente com a professora da turma para realizarmos a dinâmica Teia da Amizade ou se possível em algum local aberto fora da sala. A prática começa com a professora tendo em suas mãos um novelo de lã, ela irá fazer uma apresentação pessoal e em seguida jogar o novelo para outra pessoa solicitando que a ação se repita da mesma forma. Isso ocorrerá sucessivamente até que todos participem e se conheçam, portanto como cada um jogou o novelo adiante, no interior do círculo haverá uma verdadeira teia de fios que uniu uns aos outros.

No final da dinâmica farei uma reflexão sobre a importância das relações afetivas na sala de aula e questionarei sobre o que observaram e sentiram no decorrer do processo. Em seguida, conversaremos sobre as memórias afetivas e mostrarei as minhas fotografias pessoais (Imagens nas páginas 16 a 24) assim, criando conexões com o assunto. Ao final, solicitarei que os alunos tragam para a próxima aula as suas fotografias afetivas (impressas ou no celular) para realizarmos a atividade.

Segundo encontro: Iniciarei questionando sobre as reverberações do encontro anterior e em seguida mostrarei aos alunos uma pequena caixa (de papelão ou outro material) na qual estará escrita “Caixa da Afetividade”. Entregarei para cada aluno um pedaço de papel e pedirei para que escrevam suas emoções ou sentimentos que estão sentindo naquele dia, sem a necessidade de se identificarem. Posteriormente esses papeis serão colocados dentro da caixa e ela será guardada para no final da aula ou após a aula a professora conheça os sentimentos dos alunos naquele dia. Irei salientar que essa dinâmica tem por objetivo contribuir para uma relação afetiva entre professor/aluno, pois essa é fundamental no processo de aprendizagem.

Após esse momento entregarei um texto explicativo sobre o Fanzine para cada aluno e conversaremos sobre. Em seguida irei propor que cada um crie o seu,

tendo como inspiração as suas fotografias e memórias afetivas. Nesse momento disponibilizarei alguns materiais como: folhas coloridas, canetas, diversos lápis, revistas, jornais, cola e outros. Convidarei a professora para participar desse momento e enquanto produzem estarei disponível para esclarecer as dúvidas que surgirem ao longo do processo. Ao finalizarem suas produções eu irei proporcionar um momento para a apresentação e discussão sobre a atividade. Por fim, destacarei a importância desses encontros para o meu percurso formativo e agradecerei a participação de todos.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular.** Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_sit e.pdf> Acesso em 11/11/2020 às 17:14

ANEXOS

ANEXO A: Texto Fanzine

(Texto e Imagem retirados do site Design Culture)

A melhor definição para o termo, extraindo suas sílabas, é “*Fan*” derivado de fan (fã em português) e “*zines*” de Magazines (revistas em português). Logo, são revistas feitas por fãs, que podem ter diversos assuntos. O fanzine tem uma grande importância para as manifestações artísticas e culturais, por ser feita de forma independente. Um outro diferencial do fanzine, é que não são distribuídos em bancas de revistas/livrarias e possui uma tiragem limitada, então eles são raros. Conheça alguns passos para a produção do Fanzine:

1. Para fazer um Fanzine é necessária uma folha mais grossa para ser a capa, vale até pensar em folhas coloridas, e outras **três folhas A4**. Para que fique no tamanho menor vale dobrar as folhas ao meio e juntá-las formando um caderninho. No total teremos aproximadamente 12 folhas para ilustrar, parece pouco mas é muita coisa! Algumas pessoas preferem usar a folha *sulfite* dobrando duas vezes, mas aí vai do tamanho que você preferir utilizar.
2. **Escolha um tema**, para que você possa expressar seus pensamentos sobre ele.
3. Por fim **pense nas cores e materiais que você utilizará, separe revistas/jornais para fazer colagens e pense no conteúdo de acordo com o tema escolhido**. Lembrando que você poderá desenvolver o seu Zine a partir de diversos temas e sempre que tiver vontade!



FONTE: <https://designculture.com.br/ja-ouviu-falar-em-fanzine>

6 AQUI NÃO É O FIM!

A presente pesquisa teve como foco tratar sobre a potência da afetividade na aprendizagem escolar, evidenciando a sua importância e necessidade nas relações professor/aluno. A F E T I V I D A D E, uma palavra que possui um significado inspirador e transformador se fosse realmente colocado em prática dentro e fora da sala de aula.

Os estudos sobre afetividade e as relações com o desenvolvimento de aprendizagem que surgiram ao longo do tempo, apontam o quanto essa ligação influencia na aprendizagem significativa do aluno. A partir disso, percebe-se a potência da relação entre professor/aluno, pois nesse processo ambos são protagonistas. A postura do professor em sala de aula manifesta seus valores, sonhos, desejos, crenças e afetos pessoais, sendo assim, todos esses elementos afetam cada aluno de uma maneira particular.

Compreende-se a necessidade de repensar as práticas pedagógicas utilizadas em sala de aula, visto que os sentimentos e as subjetividades dos educandos não devem ser negligenciados e desrespeitados nesse contexto. A afetividade possui um papel essencial no processo de aprendizagem porque está presente muitas vezes em todas as áreas da vida, influenciando imensamente o desenvolvimento do cognitivo, portanto, os aspectos afetivos e cognitivos formam uma dupla inseparável na formação do indivíduo.

O professor detém a possibilidade de despertar o interesse pelo conhecimento nos alunos se utilizar a afetividade como ferramenta durante as aulas. Através dessa relação afetiva, compartilhando experiências, escutando e respeitando o outro, o educador inspira e motiva os educandos a identificarem e refletirem sobre os seus sentimentos e tudo o que os afeta.

Esta pesquisa foi importante para minha formação, pois me levou a refletir sobre os meus afetos pessoais, o quanto estão presentes na minha vida e nas produções artísticas. Também pude compreender que o papel do professor na vida do aluno é de fundamental relevância, podendo tornar o percurso formativo encantador.

Portanto, foi possível constatar através da pesquisa que a presença do ensino da arte na escola contribui e promove experiências nas quais os alunos podem identificar e ressignificar os seus afetos positivos e negativos. A arte por meio das

suas linguagens desperta à autonomia criativa, crítica e sensível dos estudantes. Nesse percurso identifiquei a arte que me afeta, move e inspira, por meio do Expressionismo Abstrato e pude expressar os meus pensamentos e sentimentos mais subjetivos e intrínsecos.

Por que ***aqui não é o fim?***

Porque faz-se necessário e urgente que os estudos acerca da afetividade continuem ativos e presentes nas escolas, para que haja, de fato, a compreensão da potência da afetividade e a sua influência no ensino-aprendizado. Refletir e identificar os nossos afetos pessoais é essencial para compreender como afetamos o outro e como o outro nos afeta. Espero ter contribuído de forma significativa para este contexto e inspirado você a refletir e reconhecer os seus afetos!

REFERÊNCIAS

ABREU, Maria & MASETTO, M.T. **O professor Universitário em Aula**. São Paulo: Editores Associados, 1990.

ANDRADE, Darlene Queiroz dos Santos; ARANTES, Adriana Rocha Vilela. **A história do ensino da arte no Brasil: tendências e concepções**. Goiás, n. 20, p. 107-120. jul 2016. Disponível em: https://catolicadeanapolis.edu.br/revistamagistro/?page_id=70. Acesso em: 20/08/2020 às 15:30

AQUINO, J. R. G. **A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento**. In: J. R. G. AQUINO (Org.) *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus editorial, 1996.

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (Org.). **Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

BARBOSA, Laura Monte Serrat. **A psicopedagogia no âmbito da instituição escolar**. Curitiba: Expoente, 2001.

BARBOSA, Ana Mae. (Org.) **Inquietações e Mudanças no ensino da Arte**. S. Paulo: Cortez, 2003.

BECHARA, Antoine. **O papel positivo da emoção na cognição**. In: ARANTES, Valéria Amorin (org.). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares Nacionais - Arte**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC, 1997.

CUNHA, Antônio Eugenio. **Afeto e Aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro. Wak. 2008.

CUNHA, M. V. **Psicologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

DANTAS, Heloysa; LA TAILLE, Ynes; OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

DIAS, K. S. **Formação Estética: Em busca do olhar sensível**. In: KRAMER, S.; LEITE, M. I.; NUNES, M. F. e GUIMARÃES, D. (Orgs.). *Infância e Educação infantil*. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

DE SOUZA, M. T. C. O desenvolvimento afetivo segundo Piaget. In: ARANTES, V. A. (org). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003. p. 53-70.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metodologia do Ensino da Arte: fundamentos e proposições**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3 ed. Totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: NovaFronteira, 1999.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987. 254 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. (2005). **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____. (2000). **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, Nilson Guedes de. **Pedagogia do Amor: caminho da libertação na relação professor-aluno**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2008.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fluir e conhecer a arte**. São Paulo: FTD, 1998.

NOVIKOFF, Cristina; CAVALCANTI, Marcus Alexandre de Pádua. Pensar a potência dos afetos na e para a educação. **Revista Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, v. 20, n. 3, p. 88-107, set/dez. 2015. Trimestral. Disponível em: www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/3442/pdf_. Acesso em: 22 out. 2020.

NUNES, Vera. **O papel das emoções na Educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

OLIVEIRA, eliane dos santos; corrêa, vanisse simone alves. **Ensino de artes: a abordagem triangular de ana mae barbosa**. In revista contemporaneidades. 2018. Disponível em: <http://revistacontemporartes.com.br/2018/12/14/ensino-de-artes-a-abordagem-triangular-de-ana-mae-barbosa/> . Acesso em 21/09/2020 às 14:06

OLIVEIRA, Zenaide Ferreira Fernandes. Um olhar sobre a gestão em sala de aula. In: _____. **Salto para o futuro: um olhar sobre a escola**. Brasília: Ministério da Educação. SEED, 2000.

PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte. As linguagens da arte no contexto da educação infantil. In: PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte (Org.). **Linguagens da arte na infância**. Joinville, SC: Ed. da UNIVILLE, 2007.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**. Transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989.

SASTRE, G.; MORENO, M. O significado afetivo e cognitivo das ações. In: ARANTES, V. A. (Org.). **A afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus. 2003. p. 129-152.

SCHAPIRO, Meyer. **Mondrian: a dimensão humana da pintura abstrata**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001. 95 p.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. In: _____. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987. p. 31-79.

VALLIER, Dora. **A arte abstracta**. Lisboa: Edições 70, 1986. 295 p.

XAVIER, Maria Rita Pereira; NEVES, Thiago Tavares das. Por uma vida afetada: afetos, tecnologia e vínculos na contemporaneidade. **Revista Eletrônica Inter-Legere**, Natal, n. 14, p. 1-17, jan/jun. 2014. Semestral. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/5293/4278>. Acesso em: 22 out. 2020.